



3722 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

AS FORMAS DE PRECONCEITOS COM PESSOAS LGBT?S NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eduardo Jorge Lopes da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Gessica Maria Silva de Lima - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Taízze Nascimento Melchiades - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O presente texto é um recorte de um plano de trabalho, de uma pesquisa de iniciação científica (CNPq/UFPB/PIBIC) que objetivou identificar as ações de inclusão da população LGBT na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa cujo sujeitos foram educandos dos ciclos I ao IV, de cinco escolas públicas municipais da cidade de João Pessoa – PB. Os resultados revelaram que há indícios de preconceitos contra esta população e que escola ainda não trata do tema com a devida atenção.

Palavras-chave: EJA; Preconceito; Heteronormativo.

INTRODUÇÃO

O presente resumo é um recorte do plano de atividades de pesquisa, **A inclusão escolar de gays^[1] na educação de jovens e adultos**, desenvolvido na pesquisa (CNPq/PIBIC/UFPB-2017-2018) intitulada **A inclusão da população LGBT na Educação de Jovens e Adultos**. A pesquisa objetivou identificar as ações de inclusão da população LGBT, do primeiro ao quarto Ciclo da modalidade, em escolas públicas municipais de João Pessoa, Paraíba. E, como objetivos específicos: a) conhecer as formas de preconceito sofridas (ou não) pelos educandos gays no espaço escolar; b) identificar ações pedagógicas de inclusão escolar voltadas para o segmento de educação em questão.

A escola precisa compreender que a inclusão é uma ação que se estende a muitas categorias, entre elas a população LGBT, muitas vezes excluída do espaço escolar, por não se alinhar ao padrão heteronormativo social. À escola, como espaço complexo, é atribuída uma carga de responsabilidades, constituindo uma de suas funções sociais a inclusão da diversidade. Pensar a diversidade, nesse âmbito, requer, entre outras ações, pensar numa ação político-pedagógica capaz de incluir o/a homem/mulher, o/a negro/a, o/a indígena e os homossexuais, os quais, muitas vezes, são vítimas de agressões física e/ou verbal, em razão de corresponderem aos ditames de uma sociedade pautada na heteronormatividade.

Falar de diversidade sexual torna-se uma dificuldade, tanto para a escola como para muitos educadores. A escola é um campo de formação cidadã com respeito aos direitos humanos e de combate ao preconceito e à discriminação. Segundo o artigo Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil,

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

[1] Rótulo utilizado para identificar os educandos jovens e adultos que possuem orientação homoafetiva masculina.

Ainda segundo essa mesma Constituição, em seu Art. 3º, inciso IV, cabe ao direito promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação. Nessa perspectiva da garantia do direito, a escola deve trabalhar a conscientização por meio de ações para o enfrentamento da homofobia, entendida, esta, como um fenômeno social.

Diante do exposto, a questão-problema foi: como as escolas públicas municipais de João Pessoa têm trabalhado o processo de inclusão escolar da população LGBT?

Trata-se de uma pesquisa uma pesquisa fundamentada na abordagem qualitativa, tipo estudo de caso. Segundo Flick (2009, p. 20), “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralidade das esferas da vida [...]. Essa pluralidade exige uma nova sensibilidade para o estudo empírico das questões”. O estudo de caso pode ser “usado, em muitas situações, para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, político e relacionados” (YIN, 2010, p. 24).

O ambiente natural da investigação foram 5 (cinco) escolas municipais de educação situadas em João Pessoa- PB, das 61 (sessenta e uma) existentes, segundo informação da Coordenação de EJA da Secretaria Municipal de Educação.

Os sujeitos escolhidos para participar da pesquisa foram estudantes do sexo masculino da EJA, Ciclos I a IV. Os critérios da seleção foram: estar regularmente matriculados na EJA em 2017 e aceitar participar da pesquisa. Por questões éticas, os sujeitos-atores tiveram sua identidade preservada. Foram aplicados 71 (setenta e um) questionários aos educandos do sexo masculino.

Na aplicação do questionário, pode-se perceber a juvenilização da EJA em algumas escolas, com turmas inquietas e com pouco esclarecimento sobre a temática desta pesquisa, mesclando-se com turma de jovens centrada e com poucas indagações sobre a temática.

Realizou-se a análise qualitativa dos questionários dos respondentes masculinos. Os questionários foram analisados através da técnica de Análise de Conteúdo (A.C.) preconizada por Bardin (2011). Para tanto, realizamos os seguintes procedimentos: 1) Pré-análise –

selecionados os documentos a serem analisados, fez-se a formulação das hipóteses e dos objetivos e, igualmente, a leitura fluente; 2) Exploração do material – realizou-se, minuciosamente, exame minucioso, estudo, avaliação, averiguação e apreciação, procurando identificar frequências ou ausências de itens para sua categorização e 3) Tratamento dos resultados – deu-se a interferência e a interpretação.

Na área educacional, a A.C. contribui na disponibilização, ao pesquisador, de um instrumento para o procedimento de dados coletados. Segundo Oliveira (2013.p.5), consiste em “um conjunto de técnicas de exploração de documentos, que procura identificar os principais conceitos e os principais temas abordados em um determinado texto”. A análise interpretativa faz parte do ser humano. Ao observar um dado fenômeno, faz uma descrição objetiva, sistemática e qualitativa de um conteúdo, manifesto na comunicação entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, como também a inferência, validando e verificando fidelidades dos resultados, enfrentando incertezas e unidades inesperadas, com atitude empírica de um conhecimento sistemático.

RESULTADOS

A seguir, discutimos dois conteúdos obtidos a partir dos questionários: as formas de preconceito dos colegas com as pessoas LGBT e como a escola discute o tema da sexualidade.

QUADRO 01 - Formas de preconceito dos colegas com as pessoas LGTTIS

Respostas	Quantitativo	Dados qualitativos
Agride fisicamente	03	<i>Agride por que tem preconceito.</i> (A.P., 17 anos, Ciclo IV, Ubirajara Targino Botto).
Agride verbalmente	31	<i>Por que não aceita, aí fica tirando onda com a pessoa.</i> (R.L., 20 anos, Ciclo III, Lions Tambaú). <i>Viado, sapatão, ver com maus olhos, nem todos.</i> (A.S., 18 anos, Ciclo IV, João Monteiro da Franca).
Não agride	09	
Não sabe responder	12	
Outros	02	
Em branco	14	

Fonte: Dados da pesquisa (2017). Sistematizados pela bolsista-pesquisadora.

A agressão verbal foi assinalada por 31 dos estudantes, enquanto que a agressão física por 03. Apesar de quantitativamente menores nas escolas, demonstra o quanto a escola é preconceituosa e violenta com a população em tela.

A agressão verbal muitas vezes é interpretada, na escola, como “brincadeira” aparentemente inocente. Contudo denuncia um dado discurso de conteúdo homofóbico e de violência simbólica. Segundo Silva et al. (2017, p. 156),

Quando o preconceito é tratado como brincadeira, o sofrimento e desigualdade, são mantidos – pior legitimados justamente por aquelas/es que deveria desconstruí-lo em primeiro lugar, como agentes educacionais.

O preconceito encontra-se em espaços que deveriam desconstruí-lo. A escola é um exemplo de reprodução de padrão heteronormativo. Como ambiente com possíveis intervenções, mostra-se como reprodutor da homofobia, sem uma intervenção, conscientização e respeito às desigualdades de gênero.

QUADRO 02 – Como a escola discute o tema da sexualidade

Respostas	Quantitativo	Dados qualitativos
Palestrantes/convidados	16	<i>Doenças Transmissíveis.</i> (C.J., 17 anos, Ciclo IV, Damásio da França)
Debate em sala de aula	12	<i>Respeitar as diferentes formas de relacionamento gay.</i> (J.D., 17 , Ciclo IV, Damásio da França)
Diretamente com o professor ou com o corpo escolar	03	
Não discute	24	Poucas escolas acolhem esse tema, e isso é triste, porque ninguém procura os entender melhor. (A.L., 18 anos, Ciclo IV, Ubirajara Targino Botto)
Outros	01	<i>“Preconceito”, esse foi o tema abordado pela professora de ensino religioso, muito interessante.</i> (A.S., 18 anos, Ciclo IV, João Monteiro da Franca)
Em branco	15	

Fonte: Dados da pesquisa (2017). Sistematizados pela bolsista-pesquisadora.

Como pode ser observado no Quadro 02, a temática LGBT é pouco abordada, ficando circunscrita à educação sexual, à sexualidade, à prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e à saúde. É importante, no âmbito escolar, abordar temas que tratem da questão LGBT's, especialmente quando se observa, entre os educandos da EJA, que a maioria desconhece os termos usados para a identificação da preferência sexual. Muitos se sentiram perdidos por não conseguirem distinguir homoafetivo de heterossexual, registrando hétero como correspondente a homem.

É perceptível, no Quadro 02, que o assunto mais abordado – sexualidade – está relacionado a questões de prevenção, saúde e educação sexual, que, para muitos, regem apenas os princípios éticos e os preceitos higiênicos. O educando A.L. diz sentir falta de discussões sobre LGBT. “Poucas escolas acolhem esse tema, e isso é triste, porque ninguém procura os entender melhor” (A.L., 18 anos, Ciclo IV, Ubirajara Targino Botto)

O educando A.L. se assume como bissexual e fala que os colegas não conhecem essa temática, e que essa falta de conhecimento a respeito gera “preconceito” e “sofrimento” no campo escolar por meio de brincadeiras e acusações. Silva et al. (2017, p. 155) afirmam:

Profissionais da educação, no, entanto, ainda não contam com conhecimento e habilidade adequados para enfrentar os desafios relacionados à diversidade sexual e aos direitos sexuais, de forma a criticar e intervir na reprodução escolar dos mecanismos heterossexistas.

CONCLUSÃO

À guisa de considerações finais, observamos, a partir das respostas obtidas entre os educandos, que houve incoerências, contudo, estas

não invalidam os resultados obtidos, pelo contrário, se considerarmos que muitos dos questionados, pela primeira vez, foram solicitados a expressar uma dada opinião sobre o tema LGBT.

Percebemos que as práticas curriculares pedagógicas de relação de gênero praticamente não são abordadas, a diversidade sexual sofre uma invisibilidade, permanecem quase que invisíveis no ambiente escolar e reforçam-se as ações preconceituosas tornando-se corriqueiras, onde alunos LGBT's, tornam-se alvos constates de humilhação, agressão física e verbal,

No ambiente escolar, encontra-se fortemente arraigado o padrão heteronormativo. Falta a valorizar a diversidade de orientação sexual, desmistificar o padrão heteronormativo e pregar a cultura de respeito sem preconceito. Não se trata de exigir que o docente esqueça seus "valores" e abrace essa nova geração, tornando-se educador "moderno" e "atualizado", muito menos de querer que os educandos se reprimam, em conformidade com os valores que lhes foram transmitidos. Abordamos aqui o diálogo entre um conjunto de valores e os códigos morais e éticos do educador, e, igualmente, entre os educandos e uma cultura de respeito.

Por fim, constatamos estar ainda distantes de uma sociedade e de uma escola que valorizem o ser humano, independentemente da sua condição homoafetiva. Respeito e tolerância precisam ser trabalhados no âmbito da escola, não apenas em relação aos LGBT's, mas, sobretudo, em relação à diversidade humana, que nos caracteriza e nos torna singulares.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edição 70. São Paulo, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BRASIL, **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil I: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_C91_2016.pdf. Acessado em maio 2018.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e Educação**: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, editora UFPR. n. 39, p. 39-50. Jan/abr. 2011.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução por Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. GuilhonAlbuquerque. 18.ed. Rio de Janeiro: Grall,2007.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo. Paz e Terra.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Tradução por Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo. Paz e Terra.

JUNQUEIRA, Rogerio Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Unesco, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade e educação**: uma pesquisa pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

OLIVEIRA, Eliana de. TEODORA, Romilda Ens. ANDRADE, Daniela B. S. Freire.MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba v.4, n.9, p. 11-27, Maio/ago. 2003.

PERREIRA, Maria Elisabete et al. (org.) **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico Racial. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.

SILVA, Ana Paula Pontes; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; ANDRADE Fernando César Bezerra de; DIAS, Afrancio Ferreira. Violência homofóbica na escola! O que revelam os discursos de professoras/es em formação continuada. **Caderno de Educação**. Faculdade de educação UFPel. Edição 56. 2017/1. p. 150-175. ISSN: 2778-079X.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.